

Negócio da China com japoneses

DF-agricultura

Gláucio Dettmar

Grupo de empresários nipônicos vem disposto a investir US\$ 850 milhões em agroindústria, comércio e turismo na região do Entorno

Marcio Vieira
Da equipe do **Correio**

No lugar de um negócio da China, um negócio do Japão. Pelo menos é isso o que 40 empresários japoneses, que desembarcam em Brasília na quinta-feira, pretendem fazer no Entorno e em outras localidades da região Centro-Oeste. Eles estão interessados no Programa de Cooperação Nipo-Brasileira para o Desenvolvimento dos Cerrados (Prodecer). Na carteira, um valor nada desprezível: US\$ 850 milhões para investimentos.

O Prodecer, liderado pela Companhia de Promoção Agrícola (Campo), foi criado há vinte anos para desenvolver projetos de colonização e de desenvolvimento agrícola. Desde a criação, 19 projetos foram implantados em parcerias com cooperativas de sete estados.

A primeira parada será em Brasília e depois Paracatu (MG), onde há 20 anos foi instalado um dos mais importantes projetos. "Aquele cidade há vinte anos não tinha nada, só plantavam para subsistência. Depois do projeto, o êxodo para Brasília parou, o que aumentou a qualidade de vida da população das duas cidades", lembra o presidente da Campo, Emiliano Botelho.

Paracatu hoje é uma das maiores produtoras de grãos de Minas Gerais. "Não tenho dúvidas de que o Prodecer é um dos grandes responsáveis pela freada da vindas de diversas pessoas da região do Entorno para Brasília", afirma Botelho.

"Vamos mostrar a eles o potencial da nossa região", anima-se Botelho, destacando que representantes de empresas com filiais em São Paulo, do porte do Banco de Tóquio, Mitsu-

bishi Corporation, Caesar Park e Nissan, farão parte da comitiva. "São empresários que vão do ramo de turismo ao agrícola", acrescenta. Cristalina (GO) e Unaí (MG) também estão na mira dos empresários.

A Campo é uma holding formada pela Brasagro — da qual fazem parte acionistas e entidades brasileiras, como a Organização das Cooperativas Brasileiras e Desenbanco — e pela Jadeco — empresa japonesa que representa diversos acionistas daquele país.

PERSPECTIVAS

"As perspectivas de negócios são variadas. Não vejo por que, depois de mostrarmos a qualidade de vida e o potencial de nossa região, uma empresa japonesa sediada em São Paulo não queira se instalar aqui", comenta Botelho, que acompanhará a comitiva por toda a viagem.

A área de comércio também não foi esquecida. "Queremos passar para um processo agroindustrial. Ensinar agricultores como fazer esmagamento de soja ou de milho", exemplifica Botelho. Segundo ele, diversos produtos que o Distrito Federal costuma importar de outros estados poderiam ser adquiridos na própria região do Entorno.

A Campo já implantou 19 projetos, assentou 760 colonos, criou 20 mil empregos diretos e outros 40 mil indiretos. "No dia 11 de janeiro, um programa de uma tevê estatal japonesa apresentou a diferença das famílias brasileiras que ganham a vida no campo e de outras que vivem em grandes centros e moram na periferia das cidades", lembra o presidente da entidade. "A diferença é gritante", diz ele, que assistiu ao vídeo, ontem, na Embaixada do Japão.



Emiliano Botelho, presidente da Campo: aposta de japoneses no potencial agrícola e turístico da região do Entorno